

# A LITERATURA INFANTIL SOB A ÓPTICA DA TEORIA E DA CRÍTICA LITERÁRIAS

Cristina Maria VASQUES\*

HUNT, P. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

Finalmente o Brasil é contemplado com uma obra de grande fôlego que trata da literatura infantil como *literatura*, independentemente do adjetivo que a acompanha. Ainda que não seja produto de autores nacionais, mas uma contribuição do britânico Peter Hunt (1945) – professor emérito em Literatura Infantil da Cardiff University (País de Gales, Reino Unido) –, a obra enriquece os estudos e o entendimento de uma literatura que, até hoje, enfrenta inúmeros obstáculos, no Brasil – especialmente as opiniões críticas e culturais enraizadas da academia –, para ter seu estatuto artístico-literário efetivamente reconhecido.

Originalmente *Criticism, Theory and Children's Literature* foi publicada em 1991, quando, segundo seu autor, no Reino Unido a literatura infantil ainda não se constituía em disciplina acadêmica e se acreditava que professores e bibliotecários fossem os responsáveis pela escolha dos melhores livros para crianças, livros esses que deveriam reforçar a visão vigente da infância, da educação e da cultura. Época em que estudiosos britânicos começaram a buscar na literatura tradicional subsídios teóricos possíveis de serem adaptados para a melhor compreensão da literatura infantil.

Decorridas duas décadas e a despeito da criação de inúmeros cursos em nível universitário sobre literatura infantil, do surgimento de bibliotecas especializadas e de incontáveis estudos e pesquisas sobre o tema em quase todo o mundo, essa literatura, em alguns países, como o Brasil, continua enfrentando a resistência da academia em ser aceita e estudada como fato estético-literário que é. Esse é um dos fatores que nos levam a acreditar que a obra de Hunt, traduzida com esmero por Cid Knipel e publicada em 2010 pela Cosacnaify, é de extrema importância para os estudos literários brasileiros.

---

\* UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. – Doutoranda Departamento de Ciências Humanas. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – cristinavasques@terra.com.br

Para a tradução brasileira, Hunt fez algumas modificações, especialmente no tocante ao anglocentrismo da edição original, de forma a torná-la mais abrangente e menos pontual. Porém, mesmo que esse esforço seja louvável e honroso – afinal, essas modificações foram efetuadas especialmente para o público brasileiro –, os exemplos utilizados, na maioria textos e autores desconhecidos no Brasil (apenas dezoito das 54 obras literárias citadas têm tradução para o português), não permitem, por vezes e em determinados aspectos, um entendimento que corresponda à real amplitude das ideias colocadas. Mas isso não faz que a obra seja menos preciosa, uma vez que seu mérito e sua importância aos estudos literários brasileiros é, a nosso ver, permitir que pensemos a literatura infantil sob a óptica da teoria literária “adulta”. No entanto, acreditamos que seria possível conseguir exemplos na literatura brasileira, o que acarretaria não somente uma tradução, mas uma adaptação, a nosso ver merecida, da obra de Hunt, aos moldes da adaptação da história de Lewis Carroll *Alice no País das Maravilhas* por Monteiro Lobato, que substituiu os versos ingleses citados pelo autor por versos de autores brasileiros, de modo que pudéssemos compreender mais significativamente as ideias da obra original.

A segunda modificação efetuada pelo autor foi a retirada de um capítulo que tratava do papel das editoras no processo de escolha de textos a serem publicados, e sua substituição por um novo capítulo, este sobre as relações entre a literatura infantil e as novas mídias, além da inclusão de um apêndice sobre a definição do termo literatura infantil no início do século XXI. Os acréscimos, acreditamos, são bastante profícuos, uma vez que passamos por um período de intensa comunicação mundial possibilitada pelo surgimento, desenvolvimento e popularização de meios de comunicação jamais pensados há vinte anos, como os *notebooks*, *tablets*, *ipods*, *smartphones*, e todo um aparato tecnológico que nos oferece o acesso quase irrestrito às redes virtuais e nos conectam, em segundos, a praticamente todo o planeta, agora “globalizado”. Em compasso com essa expansão, a literatura infantil, tanto quanto qualquer literatura, porém de forma mais evidente, teve a necessidade de se fazer multidimensional e, por consequência, polifônica, experimental, mais complexa, aglutinando as mais diversas formas textuais, ainda que as publicações permaneçam intrinsecamente dependentes dos lastros culturais definidores da infância e do didatismo historicamente instituidor da literatura.

Acreditamos, porém, que o capítulo que discutia o crivo editorial não deveria ter sido suprimido nesta edição, pois essa questão, apesar de todas as inovações conceituais sobre a literatura infantil e a infância, permanece como definidora do material a ser publicado e, em decorrência disso, de uma relativa homogeneização dos textos literários – não somente infantis – em todo o mundo, como apontou o autor ao citar John Rowe: “[...] a única definição prática de um livro infantil hoje – por absurdo que pareça – é ‘um livro que figura na lista de infantis de uma editora’.” (HUNT, 2010, p.98).

Reza o ditado popular que “não é possível agradar a gregos e troianos”, pois nada é totalmente perfeito em todos os aspectos e pontos de vista. Contudo, *Crítica, teoria e literatura infantil* chega para mostrar a seriedade dessa literatura e a discute sob o enfoque das principais tendências da teoria literária do século XX, pois a entende como **arte literária** – a despeito de sua utilidade para as mais diversas áreas do conhecimento – que, como toda a literatura, enfrenta as mesmas demandas relativas a produção, função do leitor, política, ideologia e mercado, linguagem e estilo, controle social, dentre outras.

O autor, já na introdução, coloca claramente os objetivos de sua obra: compreender o que acontece quando um leitor comum – não um estudante de literatura ou um crítico – lê, e como “fazer um juízo criterioso e fundamentado” de uma obra literária infantil, de modo a possibilitar que o leitor **inexperiente** “enfrente os textos ao menos consciente do que pode estar acontecendo” (HUNT, 2010, p.21). Dessa forma, a obra de Hunt oferece ferramentas não somente para especialistas em literatura, mas também para que leitores comuns, **inexperientes** – pais e professores da educação básica, no Brasil, por exemplo – possam refletir sobre o assunto.

Ao chamar de “inexperientes” os leitores não especialistas, o autor de *Crítica, teoria e literatura infantil* concebe, como nós, que a literatura infantil é muito mais do que “infantil”: é uma literatura destinada a leitores que estão em fase de aquisição de experiências literárias, tenha ele a idade que tiver. Assim, ao tratar dessa literatura, está, acreditamos, discutindo prioritariamente sobre sua condição estética, capaz de promover o desenvolvimento da consciência e da sensibilidade dos indivíduos.

Coloca Hunt que, da mesma forma que a academia resiste historicamente à literatura infantil, os leigos também resistem à teoria literária, alegando que ela “tira” o prazer do leitor inexperiente. Porém, com o aumento da oferta de livros para crianças, é necessário que educadores e pais possuam o conhecimento dos fundamentos da literatura – da teoria literária – a fim de que tenham elementos suficientes para fazer escolhas criteriosas. E é igualmente necessário que especialistas percebam que a literatura infantil, vanguardista no emprego de técnicas multimídias para a combinação de palavras, imagens, formas e sons, requer estudos que ultrapassem os limites históricos, acadêmicos, linguísticos e dos gêneros literários.

Como na maioria das obras teóricas que tratam da literatura infantil, o autor de *Crítica, teoria e literatura infantil* também discorre sobre as definições de literatura infantil, partindo da (in)definição da literatura – “a elite literária tem se caracterizado por relutar em [defini-la]” (HUNT, 2010, p.82)–, e conclui, **grosso modo**, que a literatura é sempre um “termo-valor” definido pelo seu contexto cultural. Por contiguidade, a definição de literatura infantil depende do modo

pelo qual uma sociedade entende, além da literatura, a infância e a criança. Nesse sentido, Hunt examina esses conceitos e os compreende também dependentes de seus contextos. Isso significa que eles não são estáveis, que se transformam de acordo com a época e o local em que são discutidos. Desse modo, Hunt aponta para o fato de que há, entre a literatura e a infância, uma via de mão dupla em que “[...] a cultura do livro [também] toma decisões sobre a infância, e em diversos sentidos, a cria ou a destrói.” (HUNT, 2010, p.95). Portanto, qualquer obra literária, seja ela para crianças ou adultos, não deve ser julgada como melhor ou pior, como adequada ou inadequada, mas de acordo com o seu potencial para interação e com suas possibilidades de significação.

O autor britânico fala ainda da importância da materialidade e do aparato paratextual do livro, fatores que, segundo ele, são de “legibilidade”. Dessa forma, “[...] a maioria das pessoas (e não só crianças) tem uma relação sensual com os livros.” (HUNT, 2010, p.120): capa, fontes, encadernação, qualidade do papel, peso, tamanho, forma, título, ilustrações, cores, espaços em branco, espaçamento entre linhas, quantidade de diálogos, vocabulário, extensão das orações, nome do autor e editora são critérios comumente utilizados para a avaliação de uma obra literária.

Assim, Hunt chama a atenção para o fato de que os elementos paratextuais e materiais de uma obra (em especial as ilustrações e a disposição física do texto – escrito e imagético – nas páginas do livro) “alteram o modo como lemos o texto verbal” (HUNT, 2010, p.233), e essa interação requer uma nova crítica, que considere o conjunto palavras-imagens.

A obra integra uma vasta bibliografia teórica linguística e literária com obras de autores de grande circulação no Brasil, nas últimas décadas – Bakhtin, Barthes, Chapman, Cummings, Eagleton, Fowler, Proop, Townsend, dentre outros –, bem como vários títulos de autores e estudiosos, reconhecidos internacionalmente, que se debruçam sobre a literatura infantil, a criança e a infância, dentre eles Arthur Applebee, Carol Chomsky, Marcus Crouch, Stanley Fish, Perry Nodelman, Jean Piaget, Zahar Shavit, Geoffrey Sommerfield, Nicholas Tucker e Jack Zipes. Suas referências apontam para a abrangência e seriedade das reflexões e discussões colocadas por Hunt sobre o tema e abrem novas perspectivas e possibilidades de enfoque e análise da literatura infantil, colocando-a não *pari-passu* com os estudos literários, nas – podemos afirmar – à sua vanguarda. Constitui-se *Crítica, teoria e literatura infantil*, dessa forma, numa contribuição ímpar para os avanços dos estudos da literatura infantil como fenômeno estético do nosso sistema literário.

Recebido em: 15/01/2012

Aceito em: 18/12/2012